

O GUAYBA.

PERIODICO SEMANAL, LITTERARIO E RECREATIVO.

Anno 2.

No. 14.

Assignatura mensal 1:000 Rs; paga em trimestres adiantados. Para fora da Capital: Semestre adiantado 7:000 Rs.

REDACTORES: Carlos Jansen e Joao Despuicio de Abreu e Silva.

A IGREJA.



oloroso expectaculo para um coração verdadeiramente christão é a visitação das igrejas na época em que a civilisação mais procura estender os cultivados ramos na terra de Santa Cruz. Se ha um erro em não admittir que a religião do povo conserva a dignidade de seus costumes, ha tambem um erro em querer persuadir que as outras religiões, onde o campo das liberdades não associão a razão e a fé ao sublime mappa dos mysterios, são condemnaveis em seu espirito de sociabilidade. Existe em cada uma d'ellas esse fundo respeitavel de verdadeira crença que faz do Catholicismo a pia-mestra onde as diferentes seitas vão receber o baptismo da luz espiritual que faz da humanidade em quanto póde, no circulo de suas forças racionaveis, curvar-se á esse principio indestructivel do theista absoluto. Fraccionado este principio desde que a Revellação quiz desarmar os absurdos que vivião á sombra da autoridade popular, e dos falsos cimentos de sua illustração, o christianismo apparece hoje no mundo ecclético do claustros, e preconisado na devoção publica e particular como o centro mais luminoso das medicinas espirituaes. Honra lhe seja dada! O christianismo é a nossa lei, porque em respeito á fé e á essa educação evangellica em que cultivamos o espirito, quando não distinguimos a verdade da mentira, innoculou-se-nos no coração com os primeiros elementos da vida domestica essas theorias plantadas nos tempos da redempção, que tão bem despertão os animos para a virtude, e a alma para a felicidade iminaterial. Respeitamol-a, porque ella não destróe, mas antes edifica e conso-

lida os caminhos da nossa conducta moral: bebendo suas raizes nas paginas do direito natural que Platão já havia compulsado para erguer o seu monumento politico da igualdade individual e do communismo, como que robusteceu a semente residua do philosopho atheniense; disse ao homem: reparte de teus bens: o peccado é o legado que a natureza distribue ao alvorecer das gerações; considera-te igual aos teus irmãos e faz-lhes sómente o que queres te fizessem. Aceitamol-o pelo coração como homenagem ás tradições que do testamento de Adão entenderão nossos pais devia pesar sobre nós. Mas a humanidade é uma especie de machina: cada móla organisa um differente systema que sempre recae no mesmo fóco. O progresso de uma é o movimento retrogado da outra. A civilisação marcha, num sentido e em outro parece que se atraza. A frequencia das ceremonias religiosas como que prejudica as contricções elicitas e na igreja vemos a oração ludibriada e a penitencia como uma distração improficua. Ha pessoas que entendem ser a igreja o unico e não o melhor meio de communicação com Deos e cil-as assistindo trez vezes por dia ao sacrificio venerando da missa. Mas não se conservão nelle sómente applicadas á obtenção da piedade divina, mas saudão-se, conversão, riem, beijão-se; cospem e sahem d'allí para fallar da vida alheia como o judeu comparando-se ao publicano. O abuso porém não emana immediatamente dos devotos por ostentação ou recreio, vem de mais alto: o sacerdocio é causa que do seu romantico apparatus não se deprehenda que ir á igreja não é fazer uma visita de cerimonia, mas mais ainda — é ir prostrar-se reverente e submisso, grato e supplicante do creador. Comprimentamos um amigo cheio de respeituosidade, e vamos escarnecer diante de Deos do ministerio e dos outros, preencher á pretexto de religião algumas horas que occupamos em requestar o olhar profano dos que nos acompanhão, mercê das appa-

rencias de baile com que a igreja se ostenta nesses dias. A musica é a mais revoltante ironia da verdadeira linguagem do sentimento, e assim o espirito que devia contrahir-se ao objecto santo que o levou alli, expande-se nas azas da inspiração profana e desce o véo de suas abstracções, voltando-se para o mundo. Tambem os sacerdotes em época de quaresma não parecem obrigados á tornar efficazes os preceitos da igreja e dizem depois que o povo é irreverente. O idolatra se dobra mais possuido da convicção do culto, porque cada um d'elles se considera o ministro d'essa mesma religião fetchista, que nós reprovamos como philosophos que somos; e que fazem entre nós os apóstolos d'essa religião tão santa que falla ao coração tão insinuantes toques, essa, cujo baptismo foi uma epopea de sangue que se reflectio nas paginas de um grande livro, e tingio a sua moral de sublimes esperanças? Que fazem esses *mestres de ceremonias* que levão á contar as genuflexões, e que até se envergonhão de as executar? As solemnidades se fazem presididas sómente pela pressa de acabal-as, e é depois o povo que não comprehende os deveres de sua missão! Se ainda fossemos no tempo das tecundas romarias, d'essas gigantes cruzadas, em que por uma cruz achada, uma tunica apparecida, era uma pugna solemne em honra do martyr do Golgotha, se fossemos na época supersticiosa promovida pelas influencias do pensamento revolucionario, e pelos dictames annunciados ás turbas lymphaticas de Galliléa, então diriamos; — Sois uns fanaticos, vós, entusiastas da genuína luz; vós, apostatas do verdadeiro credo dos Hebreus, vós que inauguraes com o braço a sacra tiára do primeiro papa, e interpretaes á vosso modo as lições parabolicas dos Santos Evangelhos; sois vós os maiores contraversores do que quiz communicar-nos a Suprema Autoridade, assentando-se no throno sumptuoso do patíbulo de Jerusalém, encarnado e organizado como a unidade criada no derradeiro dia para usufruir os thesouros que a natureza offerece; sois vós os culpados do nosso erro porque não pregais quotidianamente, o abuso de nossa liberdade; como J. C. nos dá o pão material para o sustento do corpo, dai-nos vós o pão espiritual, o sustento da alma na esperança de uma eterna gloria. Mas não erão as revoluções o mais infructifero meio de conciliar a verdade? De certo. Os conventos despovoados, o povo em massa pelos caminhos da Asia e da Europa occidental, que trouxerão em resultado? O que vemos nos seculos adiantados do mundo moderno, nas porções mais aerisoladas do pensamento catholico! A religião individualisada, cada qual pensando sobre os dogmas

da sciencia theologica, e os proselytos da passada conquista, os netos de Godofredo de Bulhão, e outros, dormem sorrindo sobre os cansados tropheos colhidos *nel glorioso acquisto*.

O povo precisa crear a sua educação religiosa, e é ao clero que cumpre a missão de estatuir-lhe a senda orthodoxa em que deve marchar a sua logica, e limitar a sua obediencia.

Continuaremos.



OS CANTOS DA SOLIDAO.

Pelo Dr. Bernardo Joaquim da Silva Guimarães.

A poesia, essa linguagem mysteriosa, filha da alma e do coração, da razão e do sentimento, não tem só por fim deleitar os que podem sentil-a e aprecial-a: além de descrever o que a natureza apresenta de mais bello e de mais horrivel, ella é um éco indefinido das bellas tradições dos feitos immortaes, sepultados nas ruiuas do passado, e a expressão entusiastica das mais sublimes crengas. Assim pois, as scenas da natureza se revelão, as glorias das nações revivem, as esperanças de além tumulo se elevão ao throno do Omnipotente. Homero, Dante, Camões, Ossian elevarão monumentos em que suas nações se contemplão cheias de orgulho, bendizendo a Providencia por tel-as escolhido para a peregrinação d'esses genios, a quem, talvez sem excepção, desprezarão durante a vida. E' quasi sempre a sorte d'elles, porque é difficil que seu seculo os comprehenda.

A poesia destinada á tão grandes e elevados fins não póde portanto perecer: existirá com o universo, e só terminará com elle.

Depois de certo tempo alguns poetas tem sido devidamente applaudidos, tem recebido honras ainda em vida. Assim animada a poesia tem-se expandido brilhantemente, patenteando bellas ocultas em sua vasta e divina esphera. Grandes nomes correm a Europa na voz da fama, atravessão o Atlantico para activar a musa americana; e harpas sonoras vão repetindo a voz melancolica e suspirosa das florestas do novo mundo, as lendas das tribus selvagens adormecidas em suas campas, revellando sua natureza rica, brilhante e magestosa, e os feitos mais notaveis de seus novos filhos.

O Brasil talvez mais que nenhuma das outras nações americanas apresenta grande progresso em poesia; e nomes distinctos avultão em sua litteratura que nasceo bella e cheia de vida ainda nos tempos coloniaes.

Mas deixemos os Silvas, os Durões, os Basílios para fallar só da actualidade. Na numerosa pleyade dos nossos poetas é talvez o Sr. Porto Alegre que tem o primeiro lugar, ao menos no seo genero. O Sr. Magalhães, não sendo tão feliz como se esperava em seo poema da Confederação dos Tamoyos, tem entretanto bastantes titulos á apreciação dos amigos da

poesia. O Sr. Gonsalves Dias, o Sr. Muniz Barreto, o Sr. Octaviano já inscreverão seus nomes no livro da posteridade: ao lado d'estes temos ainda o Sr. Siueira e Sousa e o Sr. José Bonifacio de Andrada, o Sr. Junqueira Freire que já são devidamente conhecidos.

Um nome porém, ainda existe envolto em obscuridade, quando o Brasil devia repetil-o com admiração; devia cercal-o da aureola que lhe compete: é o Sr. Bernardo Joaquim da Silva Guimarães, filho de Minas Geraes, que já se ufanava com ser o berço do cantor de Lindoya. Foi á Sao Paulo estudar o curso juridico e alli, quicá pela primeira vez, deixou ouvir os melodiosos accentos de sua harpa.

Não vamos julgá-lo segundo a perfeição artistica: somos incompetentes para tanto. Nossos juizos serão filhos de nossas impressões; mas se o sentimento do bello, tão poderoso em certas organisações, não está falseado em nós, deve-nos ser permittido emittir nosso pensamento uma vez que respeitemos certos limites.

Os Cantos da Solidão formão um livro de bellissimas inspirações: ora é o melancolico anjo dos ermos que dá ao poeta seos melodiosos e tocantes accentos, ora é a saudade dos bellos sonhos da infancia que, rogando-lhe alma já abatida pelas primeiras decepções da vida, lhe fazem entoar hymnos repassados de uma tristesa que entenece e arrebatada. Mas o poeta algumas vezes se afasta de seos ássumptos favoritos para cantar sobre a lousa de um irmão, sobre a de um companheiro no genio, e sobre a de um escravo.

Ha nessa nenia no vate arrebatado pela morte na flôr da idade, um trecho da mais elevada poesia: é o começo d'ella, e aqui o reproduzimos.

Em manso adejo desflorando a terra
Passou um dia o cysne peregrino,
E sonoros quebros gorgeando
Desappareceo nas nuvens.

Quanta belleza em quatro versos!

Mas ha além d'essas notas de diversa melancolia um canto que, quanto á nós é primoroso no seo genero: é o *Devanear do sceptico*.

Ahi o poeta abandonando as cordas da saudade e da tristesa, eleva-se admiravelmente exprimindo a luta desordenada do sceptico com o sentimento religioso; os brados da descrença confundidos com a voz anhelante da esperanza.

Pensamentos energicos, originaes e sublimes, imagens arrebatadoras se offerecem á cada passo.

Depois de descrever o espirito do sceptico vagando pelo universo em busca do Ser dos seres que para elle ainda se não manifesta claramente em suas admiraveis obras, desce a interrogar a campá nestes eloquentes versos:

O' campá! — atra barreira inexoravel
Entre a vida e a morte levantada!
O' campá! que mysterios insondaveis
Em teo escuro seio muda encerras?

E's tu acaso o portico do Elyσιο
Que nos franqueias as regiões sublimes
Onde a luz da verdade eterna brilha?
Ou és do nada a fauce tenebrosa,
Oude a morte para sempre nos arroja
Em um somno sem fim adormecidos?
Oh! quem pudera levantar afoito
Um canto ao menos d'esse véo tremendo
Que encobre a eternidade.

E termina duvidando sempre depois de interrogar as regiões da vida e as da morte.

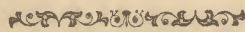
Ha ainda uma bella e extensa poesia do Sr. Guimarães que não vem nos seos Cantos da Solidão talvez por esquecimento do editor: é um hymno á tarde tão triste e tão expressivo como o ultimo adeos da felicidade: elle vibra as cordas mais intimas do coração, e identifica-nos com o poeta, fazendo-nos sentir todas as suas penas.

O Sr. Guimarães, retirado aos lares domesticos, tem talvez abandonado sua harpa, para entregar-se ao movimento da vida positiva, á que nos sujeitão as exigencias sociaes, ou quem sabe senão tem abafado sua inspiração, ferido pela indifferença com que, á excepção de seos compunheiros de estudos academicos, forão recebidos seos primeiros harpejos?

Se fôr essa a causa, fazemos votos para que ella cesse e que o justo apreço que se lhe deve dar, despertando o poeta de seo infeliz somno, o faça recommençar sua sublime tarefa. Mas o Sr. Guimarães deve encetar um genero mais elevado: seo genio terno e elevado, melancolico e altivo pôde de certo crear alguma epopea que se torne sempre saliente em nossa litteratura e na litteratura em geral.

Estamos quasi certos de que uma vez nesse caminho elle terá direito a que o Brasil um dia cerque o seo nome da gloria com que a Italia cercou o nome de Dante.

Porto Alegre, Março de 1857.



ANECDOTA.

Entre as mil anedotas e ditos chistosos attribuidos á estudantes, a seguinte não é menos interessante e até pôde-se recommendar pela utilidade que terá para muita gente boa.

Um estudante, acostumado á frequentar pelo menos tanto os hotéis, passeios, carreiras e bailes, como as academias, e que, em consequencia d'estes estudos supranumerarios quasi sempre se achava em maré extravasada em quanto ao pecunio, recebeu uma manhã a visita do seo « tailleur. »

Entre algumas cortezias o artista da thesoura lhe apresenta a sua conta, lastimando ser obrigado á este acto incommodativo, por se ver tambem necessitado de dinheiro, para pagar aos mercadores de pannos.

O filho das musas, destituído como nunca de cumquibus, fingia uma vehemente colera, ouvindo estas palavras e respondeo cathegoricamente :

— Como, homem importuno e sem consciên-

cia! atreve-se V. á pedir-me dinheiro á mim, não tendo pago o que deve á outros? Juro-lhe que não ha de apalpar nem um real, em quanto não apresentar os recibos de seus credores.

Album Poetico.

O PRESENTE.

Eprouvrons les destins, fatiguons leur courroux,
Voyons si le malheur est plus constant que nous !

(Arnault.)

Que foi do meu passado, onde sepultos
Nas azas da estação meus annos dormem ?
Onde estás, primavera, que eu saudei
De grinaldas toucado em ledos brincos ?
Onde estão meigas flôres da existencia
Que na aurora soprâo doces brisas
E no crepusculo sombreadas murchão ?
Onde estás, coração, que te sorris
Ao bafejo de amor, que ao som de um beijo
Em diastole effuso crepitavas ?
Já não vivo na vida, esses prazeres
Que na taça dourada ingenuos todos
Sorvi gostoso d'impolluta febre,
Não me aquecem mais não ; fui como a ave
Que abemôla na selva os doces quebros
E vai escrava ser d'ingrato fado.
Sem pai nem mãe, mendigo dos cuidados
Que alheias mães emprestão, como a vaga
Repellida d'aqui, lá murmurada,
Emballando no seio a voz do inferno
Vai os écos levar de encontro á rocha
E morre assassinada aos pés da victima ;

Assim do presente
No passo indolente
Me vou suicidando ;
Não vivo nos dias,
Nos brincos de outr'ora,
Que a morte m'inflora
Grinaldas sombrias.

Da idade no curso
No pouco decurso,
Dos annos famintos
Os pingues prazeres
Trocarão seus seres
Num céo de absynthos.

O pego ruidoso
Que infreno e baldoso

Além turbilhona,
Meus jovens castellos
Meus sonhos tão bellos
Cruel desmorona.

O presente é como a luz
De uma lampada mortiga
Como um resto de moviga
Onda que se esfarellou,
Que nas praias merencoria,
E na sombra peremptoria
Da noite a morte apalpou.

Inconstante
Como a brisa
Que deslisa
Da floresta
Na soidão ;
E como ella
Murmurando,
Publicando
O que resta
Ao coração.

† † †

A flôr do rochedo.

AO MEU AMIGO P. A. DE MIRANDA.

Não — que hypocrita não hei de
Suppôr vergel de açucenas
O que foi matta de espinhos,
Nem hei de ir fingidas penas
Depôr nas hervas que enleião
As soltas pedras de Athenas.

(L. Coelho.)

A' sombra de um cardo, de urzes cercado,
Na fenda escarpada d'esteril rochedo,
Dormia sem viço, sem seiva uma flôr,
Soprada dos ventos em negra procella,
Vivia — tão linda — tão triste — tão bella,
No exilio espalhando das pet'las odor.

A mão da tormenta, de rijo tufão
 Quem sabe que sina, que triste condão
 Rojou-a tão longe — do mundo a roubára,
 E lá na charneca, á sombra maldita
 Talvez escalvar pretende uma dita
 Que á flôr justiceira o céo reservára.

Era bronzeo cachopo: — um monstro do mar —
 A onda que o beija só sabe bradar;
 A brisa não pousa na frente despida,
 Só trazem as auras sentidas endechas,
 Que fallão pezares, que dizem as queixas
 Da flôr que p'ra morte vivia pendida.

Estranho contraste allí se pintava,
 O monstro bramia, a flôr modulava,
 Os ventos que o éco da féra levavão
 Na brisa trazião da flôr o perfume,

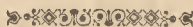
As gottas de orvalho desertas do cume,
 A flôr escondida brilhantes regavão.

Tormentas, angustias, desterros soffreu,
 Constricta — coitada! a flôr — só — gemeu,
 Té quando esse brado que diz — liberdade —
 No espaço tremendo se fez escutar;
 Um Deos não tyranno a foi libertar
 Do jugo tão féro, de barbara idade.

O mundo o despreza, a face lhe volta,
 Os brados exclamão na grita que solta
 Um povo que livre assim quer morrer,
 Que régulos detesta, que o ha de apontar:
 — Tyranno mesquinho — lhe ha de bradar,
 Em quanto a — *Flôr do Rochedo* — viver!

M. M.

Revista. (*)



Protesto! Protesto perante todos os que me
 conhecem, em face dos meus *pagantes* leitores, e
 mesmo junto aos que me ouvem de 1/2 J contra a
 mais aleivosa injustiça! E vós, amada Persina, vós
 que conheceis todos os encantos moraes, e não sei
 se os phisicos do meu individuo, vós que sabeis
 quanto aborreço o 3.º dos sete, que me tendes ou-
 vido *tetrica* no throno do povo bradando pelos di-
 reitos e tortos da rapaziada, fazei um carão bem
 comprido ao infernal poeta que teve o arrojo de re-
 tratar-me assim.

SONETO.

Retrato do Freguez.

Qual sapo em pé montado numa bola,
 Cabeça qual lanada de morteiro,
 Testa empinada em fórma de um outeiro,
 Amplas bochechas, rijas como a sola.

Baixo, bojudo, gestos de farçola
 As barbas de bugio, o olhar matreiro,
 C'um só olho espreitando o mundo inteiro,
 E o outro envolto em casca de cebola.

Humilde e ledó qual gambá no trato,
 Primeiro c'os estranhos, mas villão
 Nò poço immundo c'os de mór contacte.

Hypocrita, tartufo, e fanfarrão,
 Dos Peccados Mortaes és o retrato,
 E impões de liberal e bom christão.

O Cabrion.

Então?... ehm..... que lhes parece? Infernal
 poesia! Maldito Pindo! Pegaso de mil bombas....
 que não estourais como um foguete á *Mamzelle La-*
mim!

Montado numa bola! . . .

E que tal?... vingar-me-hei até a 4.ª geração.

Sim, uma lei enforcando á tudo quanto é poeta,
 e que se prevalece das suas relações com as musas de
 Bocage, para retratarem a gente como a gente é,
 mas que não é da conta de ninguem.

Dispensem, amigas e amigos Freguezes, o modo
 iracundo d'esta *Revista*; quando a mostarda chega
 ao nariz, perde-se o juizo, e esquece-se o dever de
 suffocar a bilis, para não entornal-a como uma cor-
 nucopia de Pandora. A prova de que sou bom chris-
 tião, é que quasi exclusivamente me occupo hoje das
 nossas festividades religiosas por occasião da Qua-
 resma.

Tivemos, como vistes, a trasladação do Senhor dos
 Passos no Sabbado 28 para a Cathedral, aonde entropi
 de costas para não se ennamorar do altar. (São
 coizitas!!!)

Ainda que muito acompanhada de povo, e mesmo de muitas autoridades, nem por isso marchava bastante allumiada para q' se distinguisse o Senhor q' não obstante ir á occultas, levava uma banda de musica que ia bradando festivo *alerta á molecada*, trambulhonando na frente do cortejo.

A' entrada (ás avessas) do Senhor na Matriz, o Reverendo Paiva pronunciou uma oração propria do acto, e por tal modo o fez que nós recordou com saudade o *Sinházinha* do Rio de Janeiro.

Meus emboras pois ao intelligente pregador, que tão á par da linguagem do seculo, soube fazer-nos chorar.

A procissão do Senhor e Senhora não obstante o máu tempo esteve boa; seguíão á esta a bonita banda militar dos menores do A. G. e áquella a do 13.º B.

No encontro não tivemos sermão por terem os gaiatos ajustado para essa occasião suas amaveis chufas, bem como os capoeiras suas garalhadas.

Se fosse amigo da usança de Passos no meio da rua e até em *boucheries* diria que o do Largo da Alfandega estava melhor paramentado que os seus collegas.

Coube ao padre Custodio o sermão á entrada na Misericórdia, o que não fez mal; todavia lhe pedi rei aqui entre nós (que precipite menos suas palavras, abrindo mais os labios para que se não dê aquelle *chi-chi-chi*, que parece affectação quando não é mais que um cacoete.

A Senhora das Dôres seguiu para a sua capella acompanhada por seus novos *servos*, que professarão ha pouco; muito povo e pouca luz remarcavão esta cerimonia, bem como o passo regular em que seguia, contrastando com os demais annos em que costumavão levar a Senhora em debandada.

Notarei que nesta época é costume o uso de côres escuras, mesmo na tropa, assim como que os amigos do 13 forão convidados pelo Provedor da Santa Casa para assistir á festa e Procissão do Senhor dos Passos, e que tiverão o máo gosto de entenderem que não devião ficar na rua. (Vai á quem toca.)

Ao visitar das igrejas, vi que certos devotos côr da noite fazião suas preces por um apreciavel *zum-zum* de sustenidos e bemois, que seria muito bonito se os nossos ouvidos fossem — vacuo de algibe — que se accomoda com todos os sons. Não é assim, meus amados, que lhes ha de servir a penitencia: basta que ahi cantorem ladainhas com musica de quadrilha, e acabem as festas com Varsovianas e Schotichs. Porque não se prepararão musicas religiosas? (Isto é comnosco, Srs. mestres de

capella). Ellas não são precisas: para festas sollemnes, Te-Deuns, & temos ahi o Trovador, Anna Bolena, et reliquia, e para procissões funebres, temos a *Tomada de Sebastopol*, Napoleão sobre os Alpes, Nero catando pulgas & &. Muito mal vamos nós!!!

Bem fizerão as pequenas meninas que lá entoarão o seu canticos aos pés da Imagem.

Alli, sim, era a innocencia que fallava, e a clave da innocencia não segue os preceitos da arte.

O *mon cher* (de espejuelos) que ultimamente escreve seus annunciozinhos *comme il faut* deu em um dos Setenarios das Dôres uma formidavel cambalhota, que faria inveja ao melhor saltimbanco de por ahi além. O homem é *conquistador*; tanto se arranja para parecer bem, que lhe succedem d'estas. *Matricule-se se quer que lhe reconheça ut ibidem esse.*

Nas Dôres tenho encontrado alguns collegas meus tão *espirituosos* que faz dó. A igreja, meus Srs. se parecerá com tudo o que é respeitavel, porém nunca com um botequim, ou quartel, onde se dizem pilherias que o menos que fazem é dar a equação dos meus moços em formula de são principios.

O Senhor dos Passos fez o seu milagre. As ruas por onde tranzitou, á excepção do Largo do Portão, se varrerão, arrancando o pasto que as alcatifava, o qual foi applicado para o atterro da Varzea do Gravatahy. Por imitação, creio, se fez o mesmo em parte da rua do *Guayba*, (rua Nova) que em verdade tinha já uma reputação firmada na historia das immundices: se as mais fizerem o mesmo, seremos capazes de aterrar até o Mompituba, aonde o nosso amigo Coelho nos disse seus ultimos adeoses, e aonde quer um *jardim* transformado em barra da Provincia. — VEREMOS!

No programma publicado da Semana Santa não estão os interessantes Judas no Sabbado d'Alleluia, mas não vão entender por isso que ficou abolido este costume. Os judeos crucificarão á J..... isto sou eu que lhes affirmo; assim queimemos nós alguns que por ahi andão encobertos, porém que a policia sabe e que talvez em confiança diga alguma cousa.

O nosso Chefe de Policia segue no primeiro vapor para S. Paulo: como não sou do commercio, não vio S. S. na lista-monstro o meu nome, porém aceite os meus sinceros parabens pelos bons serviços que fez á terra *alegre* e volte que cá fica alhada grossa que só olho de passaro póde ver; no Paraizo por exemplo existia muita cousa que bem podia ir para o Inferno; metade d'ellas forão ultimamente queimadas, desprendendo uma fumaça, que encobria a casta face da lua, pregando d'essa fórma um fiasco ao arrematante das lamparinas gazosas.

Bem dizia eu que *Bastos* era máo trumfo — cahiu no *ribeiro* e vai navegando com 7 contos e.... e.... e.... em quanto o outro não tem mais theatro; ha cousas que para mim sao indecifraveis: votei em S. Mc. e dei ao outro a cocada.

A charada da passada *Revista* é COMPILAR. Saude, paz, e *much money*.

O Freguez.

(*) Tem sal.... tem.

Romances e Novellas.

ALICE.

(Continuação.)

Ninguem se importou com elle ou deu mostras de saber quem era, com quanto tivesse elle dado motivos, para que a seu respeito se indagasse alguma cousa.

Só *Trancredo*, o pobre *Trancredo*, empallideceu, e de prompto levantou-se dizendo que ia dar um passeio pelo jardim, o que á ninguem causou impressão tão subita retirada, pelo habito em que elle estava de passear, todas as tardes áquella hora no jardim.

Notou *Trancredo*, que d'esso dia em diante, o mesmo cavalheiro, passeava por alli todas as tardes, e sempre á mesma hora.

Havião duas pessoas que o vião passar, uma era *Alice*, que sem ser vista o via, a outra era *Trancredo*.

E sentirião por ventura a mesma emoção ?!

Notava-se que *Tancredo*, todas as vezes, que via passar o estrangeiro, ficava pallido e pensativo, e o que daria motivo á essa mudança ?

Era essa dôr que só quem sinceramento ama pôde comprehender sem comtudo poder explicar.

Era o ciume que já tão cedo começava á fazer estragos no coração d'aquelle pobre.

Já não se via nelle como dantes o sorriso, o brilho de seus olhos ia pouco a pouco desaparecendo, a côr de suas faces estava extincta, emfim a posição de *Trancredo* era triste, bem triste, e seu mal já promettia um resultado fatal.

O pobre *Tancredo*, obrigado á calar-se, soffria e soffria em demasia, porque soffocava em seu peito essa dor que sómente o desabafo poderia aliviar.

Alice pelo contrario desde que pela primeira vez vio esse cavalheiro, uma força irresistivel a obrigava a ir todas as tardes á mesma hora á janella pela qual deveria elle passar, e ahi triste e pensativa se conservava até que passasse esse por quem ella seria capaz de tudo arrosstrar, de tudo soffrer. Já não era então a mesma *Alice*

Desde que vio esse mancebo, em nada mais pensava, andava sempre distrahida, nada lhe agradava; procurava sómente a solidão, onde á sós podesse consigo devancer e pensar nesse que era seu ideal.

Se procurava alguma distracção, era para encontrar nella um novo objecto que lhe revelasse a presença d'aquelle que era sua distracção, seu Deus, seu tudo, e quantas vezes, quando bordava, ficava horas inteiras com a agulha suspensa entre os dedos, olhando para uma flor imagem de sua alma, até deslisar-se ao longo de sua face, uma lagrima que lhe vinha despertar d'esse estado de magnetismo em que se achava.

Já não conversava com seu pai, já elle não era aquelle ente, de quem ella nunca se esquecia, mesmo nas suas mais bellas distracções: esqueceu seu passeio da manhã, e até já não cuidava da roseira branca de sua predilecção.

Era agora o seu maior entretimento, passar noites inteiras encostada ao canto da janella do seu quarto, descangando sobre sua bella mão alabastrina esse rosto de anjo em corpo de sylphide, e assim as passava confiando á brisa os segredos mais queridos de seu coração, e pedindo á lua, que lhe servisse de confidente a seus pezares.

Muitas vezes *Tancredo* passava como uma sombra pela frente d'aquelle janella, onde se achava seu maior thesouro sem ser por ella visto.

Muitas vezes se ouvia um sentido soluço, ferindo os ares, como annuncio do acerbo soffrimento de uma creatura que já aborrecida de viver, vive sómente para guarda de um objecto que preza mais que a propria vida.

Era *Tancredo* que velava por seu anjo, e que por elle de continuo soluçava, como se esse soluço fosse advertir *Alice*, que alguem já exausto pelo soffrimento com elle pedia repouso para seu espirito, agitado pelas contrariedades e decepções.

E *Alice*, sempre surda e insensivel ao soffrimento de *Tancredo*, se conservava como por esquecimento

nessa posição, sem se lembrar nem mesmo desconfiar, que seo primo nutrido por ella uma d'essas paixões fabulosas, se conservava no jardim, e d'ahi se não retirava senão quando ella fechava sua janella e a sentia já deitada.

Pobre Tancredo, infeliz Tancredo!

Eil-o de joelhos, seos olhos fixos na direcção d'aquella janella que até lhe veio roubar a sombra querida d'aquella imagem idolatrada, passando assim horas esquecidas, noites inteiras, erguendo-se sómente como de um sonho quando os primeiros raios do sol por sobre o cume das montanhas lhe vinha mostrar o dia, quando o melodioso cantico dos passaros o vinha despertar d'esse estado de esquecimento em que se achava; quando finalmente as folhas dos arvoredos balouçadas pela brisa, lhe borrifavão sobre a fronte abrasada as lagrimas puras e crystalinas do crepusculo.

Então sim, retirando-se para seo quarto, ia procurar descanso para seo corpo, e novos soffrimentos para sua alma. Se chegava á conciliar o somno, era para acordar em sobresalto, como de um máo sonho, e assim que desperto estava, occultava seo rosto entre as mãos, pranteava-se, e.... pobre mogo! ia lentamente caminhando para sua sepultura.

Uma tarde, era já o inverno, estava o céu coberto de uma camada de nuvens espessas de côr acinzentada, indicando-nos que proximo estava á desabar sobre nós grossos caixões d'agua, confirmando-nos mais essa supposição a queda de algumas gottas.

As arvores já despidas de seos encantos se apresentavão ás nossas vistas como errantes fantasmas, mostrando-nos sómente seos troncos descarnados.

Reinava então o mais profundo silencio; tudo estava deserto.

Só Alice percorria o jardim de um lado a outro em procura de sua roseira branca que á tanto tempo estava esquecida, e até talvez!... o lugar em que estava collocada, ia nella colher um botão já desbotado, unico que existia depois que aquellas santas mãozinhas que lhe davão o cultivo, a tinham abandonado; quando repentinamente ouviu pronunciar seo nome. Oh! surpresa! Voltou-se e vio o cavalheiro que estava por fóra da grade do jardim seguindo avido todos os seos passos, com vistas cheias de fogo e amor.

Alice o vio e empallideceu, e não foi com pequeno exforço que se pôde conter, para não cair desmaiada com o choque d'essa emoção.

O cavalheiro notando sua perturbação, aproveitou-se d'esse estado vacilante em que Alice se achava, e dirigindo-lhe a palavra, pediu-lhe o botão que

ella tinha acabado de colher, fazendo-lhe conhecer, que sua decisão seria a resposta que elle á tanto tempo supplicava por intermedio de suas vistas.

Alice vacilou, dirigio-se á elle, e com sua expressão angelical, simplesmente alterada pelo rubro de suas faces, o depositou em suas mãos.

Feliz logo se julgou o cavalheiro, e em signal de sua gratidão, levou esse botão querido, essa prenda de sua alma aos labios, beijou-o com todo o transporte e ardor, lançou ainda um olhar de ternura á Alice e partio.

Venturosa Alice, comprehendeo que amava e que era amada!

Só lhe restava saber quem era o cavalheiro, e qual o seo nome.

Desde esse dia, já Alice não era, senhora de si, todas as tardes ia ao jardim onde com elle se encontrava, e conversavão.

Se Alice o amava, tinha em compensação palavras meigas, expressões arrebatadoras, e frases que mostravão que esse cavalheiro não lhe tinha só amor, tinha por ella adoração.

Havia um anno que Alice tinha conhecido esse cavalheiro, e estavão todos sentados na sala nobre da casa, em conversação muito animada, quando o latido de um cão os despertou dando signal que alguem estranha áquella casa batia na porta exterior do edificio, ou procurava occultamente entrar.

Como isto muito frequentemente acontecesse, ninguem estranhou, á não ser Alice que á olhos vistos mudou de côr.

Era um pressentimento de mulher que ama, o qual se confirmou logo que chegou um criado annunciando que um cavalheiro desejava fallar a Jacques.

Este o mandou entrar para a sala onde se achavão; o cavalheiro entrando, á todos complimentou affectuosamente, e pediu desculpa á Jacques de se ter apresentado em sua casa, sem ter o menor conhecimento d'elle, e em seguida lhe pediu tambem para que se dignasse ouvil-o em particular.

Alice e Tancredo os ouvia, e via-se mais que nunca nessa occasião o quanto Alice era bella e formosa; seos olhos cheios de brilho e ardor bem mostravão que seo coração ebrio de praser estava sentindo emoções bem doces. Era ainda outro pressentimento que ella em breve esperava ver realisado; pelo contrario Tancredo triste e pensativo, não fallava, não sorria, e se contentava em á sós consigo lamentar-se.

(Continua.)